



“*Os Últimos 5 Anos*” celebra 25 anos em Sampa

Única montagem da América do Sul citada no programa oficial dos 25 anos do musical de Jason Robert Brown, produção brasileira retorna a São Paulo com **Beto Sargentelli e Eline Porto**. O espetáculo, que estreou no Brasil em 2018, acumula reconhecimento da crítica, prêmios e indicações ao longo de suas temporadas. A edição comemorativa fica **em cartaz no Teatro Nair Bello, no Shopping Frei Caneca, até o dia 1º de novembro**, celebrando a trajetória da obra e sua relação com o público brasileiro. **Página 16**

CRÍTICA TEATRO | CRUISE

POR CLÁUDIO HANDREY - ESPECIAL PARA O CORREIO DA MANHÃ

N o efervescente bairro do Soho, em Londres, o universo LGBT-QIAPN+ viveu livre e intensamente seus encontros, descobertas sexuais, resiliência, luta e luto, numa época devastadora da epidemia de HIV/Aids. O texto do britânico Jack Holden revisita as agruras e a urgência vital, com foco central, no que os gays transpassaram nos anos 1980, tendo em conta que um diagnóstico aterrador era visto como sentença de morte. A tradução de Rodrigo Nogueira engendra vocábulos que se fluidificam para brasileiros..

“Cruise” relata o encontro entre Jack, um jovem voluntário num serviço telefônico de apoio à comunidade gay, e Michael, um homem em crise e mais velho, que desloca o tempo, reconstituindo suas paixões numa imersão pela cultura clubber, fervendo nas pistas ao som de George Michael e Pet Shop Boys, onde londrinos ainda fortaleceram a popularização da House Music como um de seus pilares, advinda dos Estados Unidos, circulando por locais à procura de envolvimento casuais.

Orlando Caldeira insufla um ritmo vertiginoso que dialoga convenientemente com a composição da narrativa. Edifica um espetáculo de extremo bom gosto, através do qual somos embalados todo o tempo. O diretor assevera sapiência, articulando marcas que propõem uma dinâmica, pela qual a montagem vai ganhando força e dramaticidade,

Refúgio gay



Nada é capaz de tirar a atenção do espectador de Igor Cosso, tamanha sua entrega em ‘Cruise’

além de conduzir seu intérprete para exponenciar um caleidoscópio de emoções.

Nada nos faz tirar a atenção de Igor Cosso, tamanha a entrega que dispensa às personagens que vivencia. O ator reflete destreza ao proferir seu monólogo, sem perder o fôlego, desde de seu Jack, sustentando uma variação de ideias, com as quais fortifica os meandros das vicissitudes que, sobretudo, perpassa seu Michael. Toda a sequência de movimentos na dança é notável por auxiliar a elaborar o luto pela perda

de amigos, além de expurgar um período nefasto.

Um piso avermelhado ampara a eficiente cenografia de Vito Frago, comportando uma parede de ferro com grades, remetendo às boates ao findar do século XX, e no centro da cena uma estrutura, que a direção ressignifica positivamente. O figurino de Tiago Ribeiro é hedonista, com textura marcante. Pedro Carneiro cria efeitos lumináres ágeis e um adequado agrupamento de lâmpadas tubulares coadunam com a narrativa. Tripés e torres com

ribaltas de led ornamentam a caixa cênica, mas os corredores poderiam ter mais personalidade, sem permitir que a geral os invada, delineando com mais exatidão a dramaturgia da luz.

A peça ainda usa o filme “Top Gun”, com Tom Cruise, como um símbolo de masculinidade. Ademais uma curiosidade: o diretor Quentin Tarantino faz, como ator, uma participação em “Dorme Comigo”, defendendo que “Top Gun” é uma metáfora sobre homossexualidade. Não é à toa que Holden alu-

de ao sucesso americano. “Cruise” é um ótimo exemplo de montagem, que exalta a vida, a libertação, sem caretice, apesar do retrocesso que o mundo nos obriga cada vez mais.

SERVIÇO
CRUISE - MINHA ÚLTIMA NOITE NA TERRA
Teatro Glaucio Gill (Praça Cardeal Arcoverde, s/nº, Copacabana)
Até 2/11, aos sábados, domingos e segundas (20h).
Ingressos: R\$ 70 e R\$ 35 (meia)

N A R I B A L T A

POR AFFONSO NUNES



Festa teatral em Angra

A 18ª Festa Internacional de Teatro de Angra dos Reis (Fita) chega ao fim de semana com três montagens na Tenda Enel, montada no Aterro do Carmo. Nesta sexta (16), “A Vida Passou por Aqui” (foto) abre a programação às 19h; no sábado, “Cauby — Uma Paixão” revisita a trajetória do cantor no mesmo horário; e, no domingo, 18, “O Segredo de Brokeback Mountain” encerra a sequência. A Fita segue até 24 de outubro, reunindo espetáculos de diferentes linguagens no centro de Angra.



Últimos anos de Rita

Em estado de graça, Lília Cabral interpreta Rita Lee em “Rita Lee: Balada da Louca”, monólogo idealizado e escrito pelo jornalista Guilherme Samora a partir de “Rita Lee: Outra Autobiografia”. Dirigida por Beatriz Barros, a dramaturgia do espetáculo Joga luz sobre os últimos anos de vida da Rainha do Rock, sem abandonar a franqueza, a ironia e o humor que marcaram a trajetória da artista. Em cartaz no Teatro Prio, no Jockey Club, até 1º de novembro, com sessões de sexta a domingo. R\$ 150 e R\$ 75 (meia).



Visão de Saramago

O Grupo Galpão apresenta até domingo (18) no Teatro Carlos Gomes o espetáculo (En)saio Sobre a Cegueira, adaptação do romance do português José Saramago, Nobel de Literatura. Sob direção de Rodrigo Portella, a peça retrata uma cidade atingida por uma epidemia de cegueira, que começa quando um homem perde de repente a visão no trânsito. A doença se espalha e põe em xeque a moral, a ética e a vida coletiva. Melhor Espetáculo da APCA e valeu a Portella o troféu de Melhor Direção no Prêmio Shell.



A utopia de um mundo livre pensado por crianças

Com 26 anos de trajetória, a desCompanhia encerra a temporada do espetáculo 'Desmundo' no Sesc Copacabana neste fim de semana

Uma companhia com 26 anos de estrada na dança contemporânea apresenta na cidade um espetáculo que contou com oito consultores especiais: crianças. A desCompanhia de dança, de Curitiba, encerra neste domingo (18) a temporada de "Desmundo" no Mezanino do Sesc Copacabana.

Para construir a peça, o grupo formou o GEAD — Grupo de Especialistas para Assuntos Diversos, coletivo de oito crianças que acompanhou e inspirou o processo de criação, dando pistas sobre o

que os artistas deveriam negar no mundo atual e o que gostariam de reinventar. As percepções do grupo, mediadas por Elisa Cordeiro, alimentaram a criação dos artistas.

Dividida em dois atos — "A Torre" e "O Sol" —, a obra conduz os bailarinos Eraldo Alves, Juliana Adur e Sylviane Guilherme por universos distintos, entre o mundo real e o ideal, num trajeto que parte das adversidades de estar vivo até a celebração da vida em liberdade, amor e alegria.

No primeiro ato, os corpos ativam percursos marcados pelo desassossego e pelos desafios que ferozmente nos afetam, numa re-

flexão sobre o encarceramento das subjetividades. No segundo, os artistas dançam a utopia de um mundo livre e empático, revelando sonhos que reverberam e contagiam alegrias. O prefixo DES, que carrega tanto a ideia de negação quanto a de reversão, orienta os dois movimentos da obra. É sobre esperança. Sobre cantar, dançar, sonhar, comer e plantar.

"Desmundo" é a possibilidade de encontrar-se com o mundo real e com o ideal. Um corpo que contrai imerso no mundo real e que descontraí expandindo esperança e sonhando com a floração de mundo possível. É sobre a alegria

'Desmundo' foi concebido a partir de consulta a um grupo de crianças e apresenta uma versão de como mundo poderia ser na visão delas

de pensar num modo de vida que haja liberdade, que possamos ser o que queremos ser", destaca Cintia Napoli, diretora do espetáculo.

O corpo em cena é construído pela experimentação de estados corporais e tons dos bailarinos, com trilha sonora original de Álvaro Antonio, figurino de Ricardo Garanhani e desenho de luz de Lucas Amado.

"Desmundo" estreou em 2024, no Miniauditório do Teatro Guaíra, em Curitiba, e desde então fez temporada na Casa Hoffmann, integrou o projeto de formação de público Público Dança, na Caixa Cultural Curitiba, e circulou por quatro cidades do interior paranaense — Maringá, Londrina, Cascavel e Guarapuava —, sempre com entrada gratuita, antes de chegar ao Rio.

Criada em 2000 pela própria Cintia Napoli, a desCompanhia investe na investigação do corpo, na pesquisa continuada e na criação colaborativa como método. São 24 obras de formatos variados ao longo de 26 anos, com presença em festivais no Brasil e no exterior — de Ingolstadt, na Alemanha, onde o grupo se apresentou duas vezes, a Portugal. No interior paranaense, Desmundo dividiu a estrada com Fundura, solo de Cintia Napoli com texto de sua autoria.

SERVIÇO DESMUNDO

Sesc Copacabana (Rua Domingos Ferreira, 160)
Até 18/10, sexta (20h30), sábado e domingo (19h)
Ingressos: R\$ 40, R\$ 20 (meia), R\$ 36 | (convênio Sesc), R\$ 31 (convênio empresário), R\$ 28 (sócio Sesc) e grátis (PCG)

"'Desmundo' é a possibilidade de encontrar-se com o mundo real e com o ideal. Um corpo que contrai imerso no mundo real e que descontraí expandindo esperança e sonhando com a floração de mundo possível"

CINTIA NAPOLI

Uma despedida sem cara de adeus

Aos 85 anos, Dionne Warwick apresenta no Vivo Rio show da turnê 'Over and Out: A Farewell Tour', com os clássicos que a consagraram

AFFONSO NUNES

“Chegou a hora de relaxar e descansar um pouco”, disse Dionne Warwick, em recente entrevista por videoconferência, sobre o ponto final que dá agora à carreira de palcos. Aos 85 anos, depois de mais de seis décadas de estrada, a cantora estadunidense se despede das turnês com a “Over and Out: A Farewell Tour”, que chega ao Vivo Rio neste sábado (17), às 20h30. A passagem brasileira começou na sexta, no Vibra São Paulo, e ainda leva a despedida a Porto Alegre e Curitiba.

Foi em 1961 que Burt Bacharach e Hal David a descobriram, e com eles a menina de Nova Jersey gravou “Don’t Make Me Over”, primeiro elo de uma sequência de 18 singles consecutivos no Top 100, que inclui “Walk On By”, “Anyone Who Had a Heart”, “Alfie”, “A House Is Not a Home”, “I Say a Little Prayer” e “Déjà Vu”. O primeiro Grammy veio em 1968, com “Do You Know the Way to San Jose?” — ela se tornou a primeira artista solo afro-americana de sua geração a ganhar a categoria de melhor performance vocal feminina contemporânea. São mais de 100 milhões de discos vendidos.

Em 1985, reuniu Stevie Wonder, Elton John e Gladys Knight na gravação de “That’s What Friends Are For”, número 1 mundial cuja arrecadação foi destinada à pesquisa contra a Aids — causa que apoiou depois em entidades como amfAR e Desert Aids Project, e que a levou também a “We Are the World” e ao palco do Live Aid.

O repertório anunciado para esta turnê de saideira reúne “That’s What Friends Are For”, “I Say a Little Prayer”, “Heartbreaker” e “I’ll Never Love This Way Again”, entre muitos outros. A cantora já adiantou que pretende dar ao público brasileiro aquilo que ele espera dos shows e, quem sabe, alguma surpresa: em entrevista, sinalizou a possibilidade de incluir canções que ainda não entraram em suas apresentações por aqui. A relação com o Brasil é antiga — ela já gravou com músicos brasilei-

“Adoro cantar com as pessoas. Uma vez que elas sabem que eu realmente quero estar com elas e elas querem estar comigo, fica muito fácil para nós fazermos isso”

DIONNE WARWICK



Dionne Warwick se despede dos palcos, mas pretende lançar um último álbum de estúdio e acompanha de perto produção de sua cinebiografia

Divulgação

2024, entrou para o Rock & Roll Hall of Fame na categoria Musical Excellence, destinada a artistas cuja originalidade e influência deixaram marca duradoura na música.

A despedida dos palcos não esvazia a agenda. Dionne finaliza “DWuets”, seu último álbum de estúdio, com todas as canções assinadas por Diane Warren e duetos já revelados com John Legend e Cynthia Erivo — nos próximos lançamentos do projeto, aparecem Kehlani, Saweetie e Earth, Wind & Fire. “Estamos tentando isso há uns 25, 30 anos, e finalmente vamos nos reunir no estúdio”, disse sobre o encontro com a banda, que define como sua favorita de todos os tempos. A produção é do filho dela, Damon. “Adoro cantar com as pessoas. Uma vez que elas sabem que eu realmente quero estar com elas e elas querem estar comigo, fica muito fácil para nós fazermos isso”, afirmou.

E Hollywood também: a cinebiografia de Warwick está em desenvolvimento, com roteiro em elaboração e a própria cantora acompanhando tudo como consultora. A escolhida para vivê-la na tela é a atriz e cantora Teyana Taylor, que se tornou amiga próxima de Warwick nos últimos anos. “Eu não poderia pensar em uma pessoa melhor do que ela para fazer isso. Chega a ser assustador o quanto somos parecidas”, comemora. E acrescenta, na brincadeira: “Provavelmente, ela sabe mais sobre mim do que eu mesma!”

Para um público que conhece muitas dessas canções por regravações, novelas e rádio, a noite do sábado é a chance de ouvir ao vivo a intérprete que as originais consagraram. A despedida, enfim, é só dos palcos. O resto de Dionne Warwick — o disco, o filme, as causas — segue em movimento.

SERVIÇO

DIONNE WARWICK - OVER AND OUT: A FAREWELL TOUR

Vivo Rio (Av. Infante Dom Henrique, 85, Parque do Flamengo)

17/10, às 20h30

Ingressos: R\$ 880 e R\$ 440 (meia)

ros, foi presença frequente em programas de televisão e cultivou amizades na música nacional, a exemplo de Gal Costa.

A trajetória contabiliza seis Grammys, além do Grammy Lifetime Achievement Award, recebido em 2019, ano em que

a Smithsonian Institution a nomeou Embaixadora do Ano na Música; em 2017, ela recebeu o Marian Anderson Award. Em

Pela ponte do improviso

Carlos Malta, Jean-Luc Thomas e Bernardo Aguiar resgatam o diálogo entre pífanos brasileiros e flauta bretã em 'Sopro da Terra'

AFFONSO NUNES

Doze anos atrás, o primeiro encontro entre o pífano de Carlos Malta, a flauta bretã de Jean-Luc Thomas e o pandeiro de Bernardo Aguiar rendeu uma turnê pelo Brasil. Neste sábado (17), o trio se reencontra no show "Sopro da Terra", em apresentação única na Acaso Cultural, em Botafogo.

O projeto aproxima dois territórios separados pelo Atlântico e unidos por tradições ligadas à cultura popular, à dança e à oralidade. De um lado, pífanos, frevos, baiões e a percussão brasileira. Do outro, as flautas e danças tradicionais da Bretanha, região do noroeste da França que preserva identidade cultural própria. O projeto, no entanto, não se limita a esses dois repertórios. Flautas, pífanos e pandeiros convivem com elementos eletrônicos, abrindo caminhos sonoros para a improvisação.

Conhecido como "Escultor do Vento", Carlos Malta construiu em mais de quatro décadas uma das trajetórias centrais da música instrumental brasileira explorando as possibilidades sonoras do sopro. Em 1981, entrou



Malta, Thomas e Aguiar unem sonoridades distintos pelas teias do improviso

no grupo de Hermeto Pascoal, com quem ficou 12 anos e gravou cinco álbuns. Depois, saxofones, flautas e pífanos o levaram a Gilberto Gil, Lenine, Guinga, Bobby McFerrin e Snarky Puppy. É o criador do Pife Moderno, grupo que chega aos 30 anos transformando o pífano em matéria de experimentação.

A partir das raízes bretãs, Thomas estabeleceu diálogos com o jazz e a música contemporânea, com experiências no Brasil, em Mali, no Níger e na Índia — e é a improvisação que ergue a ponte entre esses territórios tão distintos.

Entre eles está Bernardo Aguiar representa a geração que ampliou o lugar da percussão

brasileira na música instrumental. Aos 13 anos, já era solista da orquestra de pandeiros Pandemonium. Fundador do Pandeiro Repique Duo, levou o instrumento ao Carnegie Hall, tocou com Yamandú Costa e Jacob Collier e leciona na Juilliard School e na Berklee Valencia. No trio, o pandeiro é a terceira voz.

O reencontro coincide com outro marco: os 30 anos do Pife Moderno.

SERVIÇO

SOPRO DA TERRA

Acaso Cultural (Rua Vicente de Sousa, 16 — Botafogo)
17/10, às 20h
Ingressos entre R\$ 66 e R\$ 198

Respirando a delicadeza de Paulinho

Sambas e choros de Paulinho da Viola ressurgem ainda mais belos no encontro de Crstóvão Bastos e Mauro Senise

Cristóvão Bastos e Mauro Senise apresentam nesta sexta (16), no Manouche, o show "Choro Negro: Cristóvão Bastos e Mauro Senise tocam Paulinho da Viola" em que o pianista e o flautista revisitam o repertório do álbum "Choro Negro", lançado pela dupla e indicado ao Grammy Latino.

Esta formação instrumental enxuta sublinha a riqueza do universo melódico de Paulinho. Piano e sopros sustentam ritmo, harmonia, contraponto e improvisação, iluminando detalhes delicados que os

sambas e choros de Paulinho evocam.

Paulinho da Viola ocupa lugar singular na música brasileira por uma obra que articula samba, choro e a tradição da Portela. Com essa chave, os dois instrumentistas abrem portas.

Cristóvão construiu trajetória ligada ao piano, ao arranjo e à composição, em diálogo com a canção brasileira e o choro. Senise é reconhecido pelos saxofones e pela flauta, presentes em discos e palcos de várias artistas. No duo, os percursos

se encontram em formação camerística na qual o piano assume a pulsação ou desenha harmonias abertas; os sopros respondem com melodia e comentários de frases que nos remetem às letras dessas canções. (A. N.)

SERVIÇO

CHORO NEGRO: CRISTÓVÃO BASTOS E MAURO SENISE TOCAM PAULINHO DA VIOLA

Manouche (Casa Camolese - Rua Jardim Botânico, 983)
16/10, às 21h
Ingressos: R\$ 180 e R\$ 90 (meia e ingresso soldário, mediante doação de 1kg de alimento não-percível ou livro) e R\$ 180. Informações e vendas pela programação do Manouche.



Cristóvão Bastos e Mauro Senise exploram caminhos de rara beleza no repertório de Paulinho

Sons pernambucanos

Formação original do Mestre Ambrósio celebra 30 anos do disco de estreia; Banda Eddie apresenta ‘Noturna’, seu novo álbum

AFFONSO NUNES

O Circo Voador recebe neste sábado (17) uma noite em que a música pernambucana bate ponto. O Mestre Ambrósio volta aos palcos com sua formação original para celebrar os 30 anos de seu primeiro disco, lançado em 1996, enquanto a Banda Eddie apresenta “Noturna”, trabalho que atualiza a trajetória do grupo de Olinda. Entre os dois shows, a DJ Sthael assume a pista com uma seleção que passa por sons do Nordeste e do Norte do país.

O Mestre Ambrósio representa uma geração musical local que, nos anos 1990, colocou ritmos pernambucanos em diálogo com rock, eletrônica e cultura popular. Integram o grupo Siba, Eder “O” Rocha, Helder Vasconcelos, Sérgio Cassiano, Mazinho Lima e Maurício Badé. O álbum homônimo de estreia foi lançado no ambiente do manguebeat, mas a banda foi a que mais enveredou na seara regional ao adotar a rabeca, viola de dez cordas, sanfona

José de Holanda/Divulgação



e percussões para apresentar maracatus, cocos e cirandas com a pegada da experiência urbana do Recife. Na sequência, a Banda Eddie

chega ao Circo com o repertório de “Noturna”. Liderado por Fábio Trummer, o conjunto construiu uma discografia marcada pelo que

batizou de “Original Olinda Style”: uma combinação de frevo, punk, dub, surf music e carnaval. O novo álbum acrescenta a esse vocabulário



Mestre Ambrósio e Banda Eddie (acima): duas vertentes distintas da rica cena musical recifense

referências latinas como a cumbia, salsa e bolero.

A programação dos intervalos prolonga esse clima pernambucano com o DJ Sthael pilotando um set com brega funk, forró, tecnobrega, tecnomelody, guitarrada, arrocha e outras sonoridades brasileiras e latinas.

SERVIÇO

MESTRE AMBRÓSIO + BANDA EDDIE

Circo Voador (Rua dos Arcos, s/nº, Lapa)
17/10, a partir das 20h (abertura dos portões)
Ingressos: R\$ 180 e R\$ 90 (meia ou solidário, com 1 kg de alimento não perecível)

ROTEIRO MUSICAL

POR AFFONSO NUNES

Ana Carolina celebra 25 anos de carreira

Ana Carolina apresenta neste sábado (17), às 21h30, no Qualistage, show da turnê “25 Anas”, celebrando mais de duas décadas de trajetória. Dirigido por Jorge Farjalla, o espetáculo combina música e elementos cênicos divididos em cinco atos. O repertório reúne sucessos marcantes, como “Garganta”, “Quem de Nós Dois” e “É Isso Aí”, ao lado de faixas do projeto recente “Ainda Já – Volume 1”. A partir de R\$ 80.



Divulgação

Ira! relembra seu álbum acústico

O Ira! encerra a turnê comemorativa do álbum “Acústico 20 Anos” nesta sexta-feira (16), às 22h, no Circo Voador. O show revisita o icônico disco da MTV de 2004, reunindo sucessos como “Flores em Você”, “Envelheço na Cidade” e “Tarde Vazia” com Nasi e Edgard Scandurra acompanhados pelos músicos da nova formação da banda paulistana. Ingressos a partir de R\$ R\$ 160 e R\$ 80 (meia e ingresso solidário).



Ana Carina Zaratín/Divulgação

Idriss Boudrioua presta tributo a Johnny Alf

O saxofonista Idriss Boudrioua apresenta “Genialf” nesta sexta (16), às 19h, no Espaço Cultural BNDES (Av. República do Chile, 100, Centro), em tributo a Johnny Alf. À frente do Base & Brass, formação de nove músicos, ele relê canções como “Céu e Mar”, “Rapaz de Bem”, “Eu e a Brisa” e “Seu Chopin, Desculpe”, destacando o diálogo de Alf com o samba, o jazz e a música clássica. Grátis.



Divulgação

Indiana Nomma canta a diva Mercedes Sosa

Indiana Nomma apresenta “Mercedes Sosa: A Voz dos Sem Voz”, no Manouche, neste sábado (17), às 21h. O show dedicado à intérprete argentina reúne canções como “Gracias a la Vida”, “Volver a los 17”, “Los Hermanos” e “Todo Cambia”, acompanhadas pelo violonista André Pinto Siqueira. O projeto foi finalista do Prêmio da Música Brasileira de 2026. R\$ 180 e R\$ 90 (meia e ingresso solidário).



Marcelo Castelo Branco/Divulgação

A voz negra

DOS PALCOS

AFFONSO NUNES

Quatro décadas depois da morte precoce de Ubirajara Fidalgo (1949-1986), aos 37 anos, parte da obra do dramaturgo, ator, encenador, professor e produtor cultural chega às livrarias. A Pallas Editora lança a Coleção Ubirajara Fidalgo, projeto em três volumes que recupera seis peças escritas pelo maranhense fundador do Teatro Profissional do Negro (Tepron) e que permaneceram inéditas em livro, embora tenham posto no palco questões que seguem no centro do debate brasileiro: racismo, desigualdade social, embranquecimento, sexualidade, homofobia, misoginia, educação e as possibilidades de ascensão da população negra.

O que mais impressiona na leitura de hoje, diz a diretora de cinema e roteirista Sabrina Fidalgo, única filha do dramaturgo, é a permanência dessas questões. “Há cerca de cinquenta anos, Ubirajara já estava escrevendo sobre temas que continuam no centro das discussões contemporâneas, muitas vezes com uma frontalidade e uma complexidade muito impressionantes. Isso revela o quanto ele estava atento às estruturas profundas da sociedade brasileira e o quanto sua dramaturgia era avançada para o seu tempo”, afirma.

Uma dramaturgia, frisa Sabrina, que recusava personagens reduzidos a tipos. “A questão racial é absolutamente estruturante na obra e na trajetória dele, mas a dramaturgia do Ubirajara também atravessa classe, desejo, sexualidade, masculinidade, educação, mobilidade social, violência, poder e relações humanas de maneira muito sofisticada”, pontua.

O que os personagens negros reivindicavam, no palco, era aquilo que o autor chamava de “papéis de cidadãos”, em oposição aos lugares restritos à escravidão, ao folclore ou à marginalidade — e, dentro dessa humanidade disputada, eles desejam, erram, reproduzem preconceitos, disputam poder e convivem com as próprias contradições.

Nascido em 1949 no povoado de São Pedro (MA), Ubirajara passou a viver em Caxias aos seis anos e começou ainda adolescente a estudar e fazer teatro. Em São Luís, foi aluno do jornalista e teatrólogo Jesus Chediak (1941-2020), que o incentivou a seguir carreira no Rio. Mudou-se em 1968, instalou-se na Lapa, estudou na Escola de Ballet

Pallas publica pela primeira vez seis peças de Ubirajara Fidalgo, pioneiro da dramaturgia negra no país



Divulgação

“Há cerca de cinquenta anos, Ubirajara já estava escrevendo sobre temas que continuam no centro das discussões contemporâneas, muitas vezes com uma frontalidade e uma complexidade muito impressionantes”

SABRINA FIDALGO

do Theatro Municipal e integrou o seu corpo de baile enquanto construía a carreira como ator.

A experiência logo revelou um limite que ele recusava frontalmente: os papéis estereotipados reservados aos artistas negros. Em 1973, ao lado da companheira Alzira Fidalgo (1949-2011), criou o Tepron, primeira companhia teatral negra do estado do Rio de Janeiro e segunda do país. Mais do que uma companhia, o Tepron foi concebido como

projeto artístico, pedagógico e político, voltado à profissionalização de artistas negros — pelas suas montagens passaram centenas de atores e atrizes, muitos vindos das periferias cariocas.

Ao fim das apresentações, Ubirajara promovia debates com a plateia sobre relações raciais, transformando o teatro em espaço de discussão pública em plena ditadura militar. Em 1975, participou da fundação do Instituto de Pesquisas

das Culturas Negras (IPCN), onde foi diretor cultural, e mais tarde integrou a fundação da Associação Cultural de Apoio às Artes Negras (Acaan), da qual foi o primeiro presidente.

A tensão entre identidade negra e desejo de embranquecimento atravessa mais de uma das peças recuperadas. Em “Desfuga”, o empresário Zé Baiano, homem negro que conheceu a pobreza e alcançou alguma ascensão social, insiste em di-

ferenciar-se dos negros de pele mais escura e transforma o casamento com uma mulher branca em parte desse projeto de distanciamento da própria origem.

O personagem reaparece em “Fala pra eles, Elisabeth”, adaptação e ampliação do monólogo original que multiplica personagens e situações, distribuindo racismo, relações de trabalho, violência, masculinidade e mobilidade social por todo o tecido social — com humor e linguagem popular.

Em “Buscando o infinito”, monólogo-manifesto escrito em 1977, a experiência afro-brasileira é percorrida poeticamente, do cativo e do banzo às violências políticas do Brasil, até projetar a afirmação da identidade, da cultura e da vida negra.

“Tuti” aposta noutra narrativa: uma prostituta negra carioca que não sabe ler, encanta-se diante dos livros empilhados no quarto de Demóstenes, professor negro de literatura, e propõe uma negociação inesperada — quer que ele lhe ensine literatura. O encontro permite a Ubirajara aproximar alfabetização, desejo, sexo, pobreza, conhecimento e as possibilidades de transformação oferecidas ou negadas a uma mulher negra.

Em “Bambas son”, a ascensão social se cruza de novo com o embranquecimento: o homem negro que procura mulheres negras para o prazer e transforma a mulher branca em sinal de prestígio diante da sociedade. Já “A boneca da Lapa”, de 1975, foca em personagens submetidos simultaneamente à pobreza, ao racismo e à violência contra pessoas LGBT, construindo uma figura que confronta a masculinidade dos homens ao redor e expõe as relações entre desejo, preconceito e violência.

Para Sabrina, toda essa atualidade faz da obra algo mais do que registro histórico. “Essa é uma das grandes forças dessas peças: elas não funcionam apenas como documentos de uma época. Elas seguem interrogando o presente. E isso diz muito sobre a potência da dramaturgia dele”, diz a cineasta. Ubirajara escreveu mais de uma dezena de peças antes de morrer, em 1986, interrompendo uma trajetória que já somava dramaturgia, atuação, direção e formação de artistas. Sua obra dramática completa está disponível para consulta no Instituto Moreira Salles, que adquiriu o acervo da família em janeiro de 2024 e cedeu à Pallas os textos dos três volumes.

O processo de recuperação dos textos trouxe uma nova dimensão da obra do pai para a filha. “O que esse processo me permitiu foi redimensionar a importância da obra de Ubirajara Fidalgo. Ao reler esses textos hoje, também a partir da minha própria trajetória como artista, consigo perceber com ainda mais clareza a sofisticação do pensamento dele, a radicalidade das questões que colocava em cena e a dimensão política e estética do seu trabalho.”

ENTREVISTA | RENATA ALMEIDA

DIRETOR DA MOSTRA DE SÃO PAULO

‘A Mostra ajudou a levar o nome de São Paulo para o mundo’



RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

A frente da Mostra Internacional de Cinema em São Paulo, que chega à 50ª edição, Renata de Almeida lança livro de memórias e recorda encontros, crises e descobertas de uma trajetória iniciada em 1989. O título que escolheu sintetiza a arte de reviver saudades: “Antes Que Eu Me Esqueça: Um Ensaio de Lembranças”. Ela viveu alegrias infinitas no evento, que nos últimos anos, recebeu titãs como Francis Ford Coppola e Jafar Panahi, além de ter aberto a carreira comercial de “Ainda Estou Aqui” (2024), de Walter Salles, no país.

O cinquentenário de seu evento enche a mente da cinefilia nacional de flashes nostálgicos de seu fundador, o crítico Leon Cakoff (pseudônimo de Leon Chadarevian). De origem armênia e naturalizado brasileiro, ele nasceu em 1948 e sua família se refugiou no Brasil durante sua infância. Se tornou resenhista e repórter, e passou a dirigir o departamento de cinema do MASP em 1974, onde organizava sessões no auditório.

Em comemoração aos 30 anos do museu, Leon Cakoff fez a primeira Mostra, ainda sob a Censura. Renata, sua parceira de lutas e de vida, nunca deixou que seu legado se apagasse, mesmo seguindo sua própria (e bela) trilha curatorial, juntando pepitas para a Pauliceia ano após ano, desde que Leon partiu, em 2011.

O papo a seguir revisita suas primeiras memórias numa sala de cinema, a crise provocada pelo sucateamento da Embrafilme na Era Collor, a visita de James Gray — que abriu a edição comemorativa, na última quarta, com “Tigre de Papel” e assina o cartaz deste ano —, a homenagem ao produtor português Paulo Branco e os sete meses que passou mergulhada nas próprias lembranças.

A Mostra completa 50 anos indissociável de São Paulo. O que existe na personalidade da cidade que ajudou o festival a tornar-se aquilo que é hoje?

Renata Almeida - São Paulo oferece anonimato. Isso tem um lado bom, pois recebe muito bem os outros lugares do país. Não por acaso, foi um espaço de muita imigração. O próprio Leon Cakoff, criador da Mostra (e finado companheiro de Renata), era um imigrante.

Sua relação com o cinema começou muito antes da Mostra. Quais são suas primeiras lembranças como espectadora?

Eu nasci na Rua Coriolano, na Lapa. Lembro-me de, quando criança, ter ido ver uma sessão com vários desenhos de “Tom e Jerry”. Minhas irmãs não aguentavam, queriam sair, mas eu não. Também me lembro de meus pais me levarem para ver “Dersu Uzala”, “Tempo de Inocência”, “A Gaiola das Loucas” e “A Pantera Cor-de-Rosa”.

O Rio de Janeiro tem uma

imagem cinematográfica exportada há décadas. São Paulo precisou construir a sua. De que forma Mostra ajudou nesse processo?

São Paulo tem uma desvantagem em relação ao Rio de Janeiro, que é não ter a mesma beleza. A gente não tem praia aqui. Mas, de certa maneira, por conta do trabalho que a Mostra tem feito ao longo destas últimas cinco décadas, as pessoas do universo do audiovisual ouvem falar bem do festival e, a partir dele, interessam-se em conhecer a cidade. A verdade é que a Mostra levou o nome de São Paulo para o mundo e também para outros lugares do país. O Rio de Janeiro está no imaginário do planeta por suas praias. Copacabana é tema de vários filmes. São Paulo não. Com a ajuda da Mostra, conseguimos exportar uma visão da cidade para vários lugares. A Mostra colaborou muito para isso.

Você entrou na Mostra em 1989, justamente quando o cinema brasileiro se aproximava de uma de suas maiores crises institucio-



Divulgação

“Por conta do trabalho que a Mostra tem feito ao longo destas últimas cinco décadas, as pessoas do universo do audiovisual ouvem falar bem do festival”

nais. Como foi atravessar aquele momento?

Entrei na 13ª edição, em 1989. Peguei logo de cara a ressaca do Collor, o fim da Embrafilme.

Quando olha para trás, que encontros condensam para você essa capacidade da Mostra de aproximar diferentes gerações e cine-

matografias?

Eu me lembro, na 19ª Mostra, de um encontro de Manoel de Oliveira com Gabriel Figueroa. Lembro-me também de uma abertura com Almodóvar.

James Gray abriu esta 50ª edição, na quarta-feira, com “Tigre de Papel”, e é também o autor do cartaz comemorativo da Mostra. O que faz dele um cineasta tão importante para esta celebração?

James Gray é cinema. Foi e é um dos grandes da atualidade. Ele consegue ser clássico e rigoroso, mas sempre pessoal. É um cinema que pensa, é um cinema de valorização da estética. Ele é um diretor da mise-en-scène que pensa o papel da família.

Outro homenageado desta edição é Paulo Branco, figura decisiva da produção europeia e especialmente do cinema português, mas também conhecido pelo temperamento combativo. Por que homenageá-lo agora?

Paulo Branco fez uns 300 filmes. Ele teve um filme na segunda Mostra e passou por grandes trabalhos. Produziu Raúl Ruiz, produziu David Cronenberg. É um produtor que briga e que processou Cannes. Essa personalidade difícil, que para muitos é difícil, fez com que ele fosse subvalorizado. Nunca foi homenageado fora de Portugal. Chegou a me mandar um emoji quando soube da homenagem. O cinema português tem outros produtores, mas ele é um dos responsáveis pelo cinema português existir, além de ser distribuidor e exibidor. Ou seja, ataca em muitas frentes.

Leon Cakoff escreveu um livro quando a Mostra chegou aos 30 anos. Em que momento você percebeu que os 50 anos pediam que a história fosse contada agora pelas suas lembranças?

O Leon escreveu um aos 30 anos da Mostra, e todo mundo me cobrava: “Você não vai fazer um quando a Mostra chegar aos 50?”. Pensei que teria sentido eu fazer e acabei gostando quando fui escrever.

Foi difícil transformar quase quatro décadas de experiências numa narrativa pessoal?

Foram sete meses de trabalho e fiquei feliz com o resultado, pois muitas memórias estão lá. Acho que ficou gostoso de ler. Trabalhei muito buscando aquilo que poderia fazer algum sentido, revivendo memórias.

O faroeste dos nativos da Austrália

Mais famoso cineasta de origem aborígine, Warwick Thornton reabre as feridas históricas de seu povo em ‘Wolfram’, épico de ação e indignação



RODRIGO FONSECA
Especial para o Correio da Manhã

Um dos filmes mais aplaudidos na disputa pelo Urso de Ouro da última Berlinale, “Wolfram” chega neste domingo à 50ª Mostra Internacional de Cinema em São Paulo com a missão de virar pelo avesso um dos gêneros fundadores do imaginário cinematográfico: o faroeste. Às 14h, na Sala Petrobras do Solar Fábio Prado, o australiano Warwick Thornton, mais conhecido realizador aborígine de sua pátria, retoma o território de su aclamado “Doce País” (2017) para narrar a colonização de seu país não pelos olhos dos conquistadores, mas pelos daqueles que tiveram suas terras, sua liberdade e sua identidade tomadas.

Egresso do povo Kaytetye, Thornton transformou a passagem de “Wolfram” pela Berlinale



‘Wolfram’ narra um choque de culturas na paisagem dos povos aborígenes da Austrália

numa aula sobre a apropriação do western por povos historicamente relegados pelo gênero ao papel de inimigos. Na sessão para a imprensa alemã, uma longa sequência de confronto chegou a arrancar aplausos em plena projeção.

“Cresci em Alice Springs, onde só existiam duas salas de cinema e éramos obrigados a ver o que exibiam. O primeiro ‘Star Wars’, de 1977, por exemplo, só chegou dois

anos depois da estreia nos EUA, numa cópia toda riscada. Depois veio o VHS e tivemos a oportunidade de ver o que queríamos, como se estivessemos numa biblioteca, livres. Ali vimos todos os westerns possíveis. Os de Charles Bronson nunca falhavam”, disse Thornton ao Correio da Manhã.

A relação afetiva com o gênero, porém, ganhou para ele uma dimensão política. “Cada vez que

víamos um western, havia a sensação de que o cinema estava ali lamentando um tempo que acabou. A questão é: para Alice Springs, esse tempo não acabou. Eu era ainda jovem e via pessoas andando a cavalo pela cidade. O que mudou é o fato de agora termos um ‘western aborígine’, falando sobre a História a partir de outra perspectiva.”

Situado na Austrália colonial da década de 1930, “Wolfram” acom-

panha três jovens aborígenes que fogem dos cruéis patrões brancos e atravessam as terras áridas da região central do país à procura de segurança. A narrativa se passa cinco anos depois dos acontecimentos de “Doce País”, filme com o qual Thornton conquistou o Prêmio Especial do Júri no Festival de Veneza.

Com roteiro de Steven McGregor e David Tranter, “Wolfram” encontra no deserto uma geografia de opressão, mas também de resistência. O próprio Thornton assina a fotografia, explorando a paisagem não como simples cartão-postal, mas como território histórico. Deborah Mailman, Erroll Shand, Joe Bird, Thomas M. Wright e Ferdinand Hoang estão no elenco. “Tento procurar um sentido de estilo sem retratar minhas personagens como vítimas”, explicou o diretor. “A redenção é o eixo de uma narrativa centrada na sobrevivência.”

É justamente aí que “Wolfram” se distancia da tradição dos sangue-bangues que formaram Thornton como espectador. O revólver, o cavalo, a perseguição e a vastidão permanecem, mas o ponto de vista muda de mãos. No lugar da conquista do Oeste, o cineasta filma quem precisou sobreviver a ela.

“Wolfram” volta à programação da Mostra no dia 23, às 15h, no Cine Belas Artes 1, e no dia 28, às 21h40, no Cinesystem Belas Artes Frei Caneca – Sala 1.

DICAS PARA O FIM DE SEMANA

POR **RODRIGO FONSECA**



A VIOLINISTA (“The Violinist”), de Ervin Han e Raúl García (Singapura e Espanha): A Mostra nos traz, em primeira mão, o vencedor do Festival de Annecy, a Meca da animação. Na trama, um repórter espanhol decide investigar o mistério em torno de uma lendária e veterana violinista e seu precioso instrumento. Descobre que, na Singapura da década de 1930, os amigos de infância Fei e Kai dividem um dom extraordinário e o sonho de brilhar nos maiores palcos do mundo. Quando e onde: Esta sexta, às 17h30, no CineSesc.



MAIS UM DIA (“Garance”), de Jeanne Herry (França): Pinguça profissional, Garance (Adèle Exarchopoulos, em estonteante atuação) é uma jovem e talentosa atriz, de presença marcante e espírito vibrante, mas ainda em busca do reconhecimento que deseja. Ela mora em um pequeno apartamento em Paris e suas contas vivem no limite, enquanto ela se vê sufocada por relações passageiras, pela ansiedade e pelo alcoolismo, que aos poucos toma conta de sua vida. Quando e onde: Este sábado, às 13h, no Reserva Cultural.



GUERRILHA NO ASFALTO, de Edgar Pêra (Portugal): Este longa foi a sensação lusa na última edição do Festival de Locarno, encerrado em agosto, este manifesto à liberdade parte de um livro homônimo de autoria de Manuel Ricardo de Sousa, integrante de uma organização política de guerrilha que acabou linchado por uma multidão após um assalto a banco. Desses relatos se constrói uma expressão poética que é reflexiva sobre o próprio ato de filmar. Quando e onde: Este domingo, às 19h, no Cine Tutu.

Horizontes uruguaios

Corrida ao Oscar, ocupação da Mostra de SP com coprodução com o Brasil e retrospectiva na Caixa Cultural asseguram um desbravar de fronteiras de Montevideu e arredores nas telas

RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

Dirigido pelo paulista Fernando Meirelles, “Here Comes The Flood”, thriller que junta Denzel Washington a Robert Pattinson, ficou para 2027, e traz, na fotografia, um uruguaio que correu mundos: César Charlone. Ao mesmo tempo que essa trama de assalto estreiar, Charlone estará celebrando os 20 anos de um longa-metragem que levou seu país ao Festival de Cannes e nos apresentou ao ator Cesar Troncoso: “O Banheiro do Papa”.

Essa dramédia sobre fé na (em Deus e na superação da pobreza) foi uma das raras coqueluches cinéfilas de uma nação da América do Sul que, vizinha da Argentina e do Brasil, costuma mais coproduzir com seus vizinhos de continente do que se arriscar solo nas telas. Seu representante na disputa pelo Oscar, “Um Cabo Solto”, rodado pelo ator Daniel Hendler, é um dos raros títulos de lá que tem viajado por mostras de prestígio, como o Festival de Veneza e o de San Sebastián.

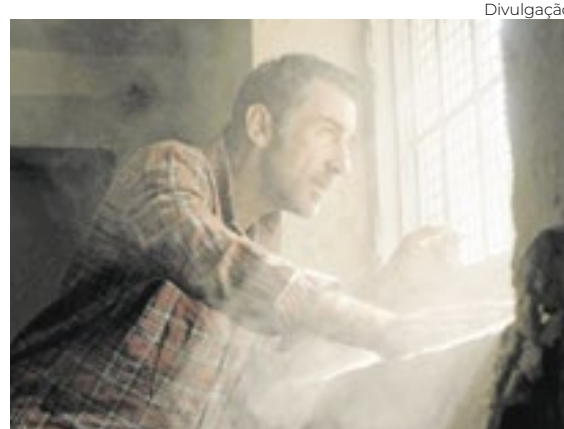
Em sua trama, Santiago (interpretado por Sergio Prina) é um policial de baixo escalão da Argentina que foge para o Uruguai após testemunhar um incidente comprometedor envolvendo seus colegas de



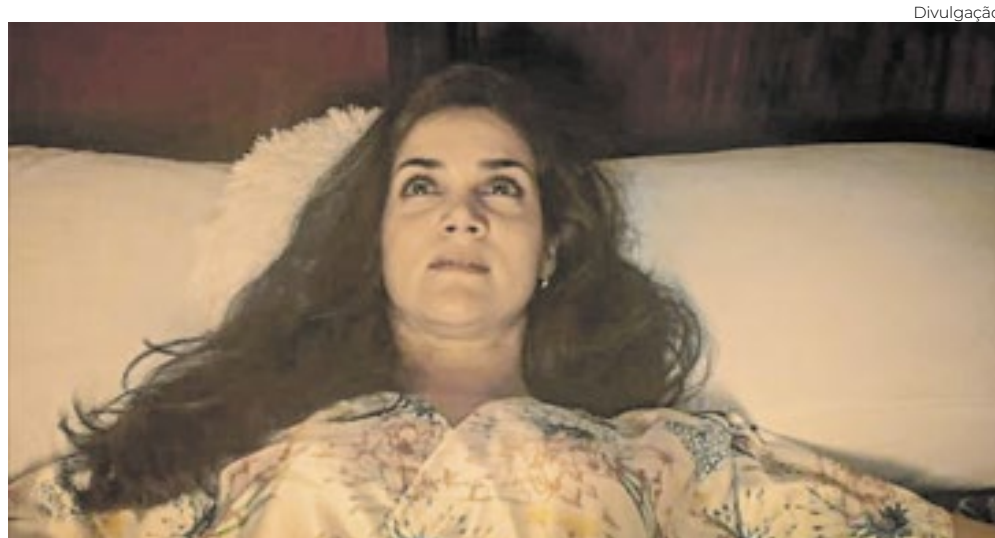
Verónica Perrotta, diva uruguaia, estrela ‘Ela Foi Ali Guardar o Coração na Geladeira’



‘Um Cabo Solto’ passou por Veneza e por San Sebastián e busca uma vaga no Oscar



Antonio de la Torre em ‘Uma Noite De 12 Anos’, que redefine o heroísmo de Pepe Mujica



‘Morto com Glória’ é uma das iguarias da Caixa Cultural

farda. Sem dinheiro ou abrigo, ele tenta se misturar à cultura local no litoral uruguaio enquanto é perseguido por ex-colegas, encontrando ajuda de moradores e a possibilidade de um novo amor com Rocío (Pilar Gamboa).

Enquanto Hendler ainda busca espectadores, sua terra natal, Montevideu, mantém-se como um polo importante dentro da cena latina, acolhendo sets de diferentes nações

(“Veneza”, de Miguel Falabella, foi rodado lá), emprestando-lhes locações e equipes qualificadas. Ao mesmo tempo, a partir daquela capital, uma série de produções feitas em regime de cooperação com hermanos sul-americanos são idealizadas. Há uma série delas na 50ª Mostra de São Paulo.

A mais expressiva é uma dobradinha com o Brasil que ganhou o troféu de Melhor montagem no Fes-

tival do Rio: “Ela Foi Ali Guardar o Coração na Geladeira”. Com sessão em 23/10, às 18h45, no Reserva Cultural 2 e em 28/10, às 20h, no Espaço Petrobras de Cinema 2, o longa marca a volta da equipe criativa de “Mulher do Pai”, sensação de 2016.

Agora, o casal Cristiane Oliveira e Gustavo Galvão dividem a direção, a quatro mãos, numa simbiose plena, para investigar cicatrizes ainda abertas pelos Anos de Chumbo,

estabelecendo uma conexão geográfica, pelas vias do trauma, entre Brasil e Uruguai. A trama parte de Luiza (Maria Galant), uma jovem de 27 anos que, em Porto Alegre, em 2019, começa a receber pela internet vídeos enviados por uma desconhecida, gravados no país vizinho, nos quais uma mulher chamada Verónica conta histórias de sua juventude — até que o aparente engano desemboca numa perturbadora revelação familiar.

É uma narrativa em que a palavra se impõe como soberana absoluta, costurando não ações — sem jamais resvalar numa veia meramente descritiva —, mas inquietações, silêncios e resflego, num inventário dos desmontes familiares produzidos sob os golpes do martelo das ditaduras sul-americanas. Carrega ecos do “Vertigo” (“Um Corpo Que Cai”, de Hitchcock) na sua fixação por um ente já finado que parece insistir em ficar... ainda que na forma de outra pessoa.

Enquanto os diálogos pavimentam uma medida de mundo, amparados por uma montagem enxuta de Oliveira e Tula Anagnostopoulou, a fotografia de Bruno Polidoro espantifica os signos produzidos pelos verbos e substantivos que ganham corpo sobretudo na boca de uma impressionante Verónica Perrotta, encontrando um repertório próprio de representações do real e recusando-se a simplesmente ilustrar aquilo que se diz. Dessa fricção entre palavra e imagem nasce uma dinâmica formal de risco, mas de enorme potência poética, reforçada pelo desenho de som de Miriam Biderman e Ricardo Reis e pela música de Lee Ranaldo.

Em terras cariocas, pérolas uruguais desembarcam na Cinelândia a partir da próxima terça-feira, dia 20, com cinema, música e uma homenagem a José “Pepe” Mujica (1935-2025). Até 1º de novembro, a Caixa Cultural Rio de Janeiro recebe a mostra “Cine Uruguai – Novos Horizontes”, com 16 longas e cinco curtas, sempre com entrada gratuita. Com curadoria da cantora TAMY e de Leonardo Luiz Ferreira, a programação faz um passeio pela produção uruguaia dos últimos dez anos. Uma das atrações imperdíveis é “Uma Noite de 12 Anos” (2018), de Álvaro Brechner, vencedor de 47 prêmios internacionais, que revisita os anos de prisão e tortura de Mujica e seus companheiros durante a ditadura.

O filme passa no dia 23, às 14h30, numa tarde dedicada ao ex-presidente, que inclui ainda “Os Sonhos de Pepe”, de Pablo Trobo, às 17h, e um bate-papo. A festa começa no dia 20 com “Agarra-me Forte”, de Ana Guevara Pose e Leticia Jorge, indicado ao Goya. Entram ainda nesse mapa afetivo do país vizinho “Cachorros”, de Gerardo Minutti, “Morto com Glória”, de Marcela Matta e Mauro Sarser, e o musical “Rada”, de Luis Ara, sobre o lendário Rubén Rada. Debates, sessões de curtas e uma masterclass completam a programação na Caixa Cultural, na Rua do Passeio, 38.



CRÍTICA FILME | ELZA

POR **RODRIGO FONSECA**

Um jorro de afetos espalhado na tela

Novo filme de Eryk Rocha - único diretor do país a ter vencido o troféu L'Oeil d'Or de Cannes, com "Cinema Novo", há dez anos - "Elza", menção honrosa do Prêmio Olhar Brasil, é uma biopic nada convencional. Em 2012, o realizador apresentou um retrato de vida totalmente inusitado em "Jards" (sobre o cantor e compositor Jards Macalé), que lhe valeu (merecidamente) o Troféu Redentor de Melhor Realização.

Ali, Rocha transformou o que deveria ser uma narrativa informativa sobre os feitos de uma ave canora da MPB num musical realista, sem espaço para dados de Wikipedia. Agora, ao passar em revista a história de Elza Soares (1930-2022), o cineasta trilha um caminho épico, na forma de uma pintura muralista da História do(s) tempo(s) de sufo-

co e de glória da intérprete, usando as tintas da filmografia autoral nacional - em especial "Rio, Zona Norte" (1957), de Nelson Pereira dos Santos - como tinta.

Alcança com isso, numa prova de amadurecimento, um nível de requinte que dá moldura à sua pulsão dionisiaca sem refreá-la, embelezando sua estética demiúrgica no compasso do viver de Elza. Ela é a partitura. O diretor de "Rocha Que Voa" (2002) deixa a própria cantora conduzir (espiritualmente) a travessia por quase um século de vida - e cerca de sete décadas de música - numa forma de narrar em desabafo. Combina imagens inéditas, arquivos raros e conversas registradas pelo próprio Eryk ao longo de oito anos de filmagens. O craque Garrincha (1933-1983), paixão fulminante da diva, fruída ao longo de 17 anos assombra-



Construído pacientemente ao longo de 12 anos, 'Elza' comprova o amadurecimento de Eryk Rocha como cineasta

dos pelo álcool (porém acolchoados por um benquerer covalente) é um dos pontos cardeais de sua fala.

A rouquidão gutural de Elza

vira estrutura dramática de um diário de memórias, desejos, perdas e reinvenções que, em vez de explicar um ícone, usa sua existência para

radiografar um Brasil em permanente ebulição, num jogo de confluências com imagens históricas do nosso cinema. A peleja antirracista e antimachista ganha holofotes nos relatos que são recuperados ao longo da edição. A sinuosa montagem, que põe o público num transe nas sequências em que a "biografada" solta o gogó, foi construída por Ava Rocha (irmã de Eryk) com Santiago Obejero Paz, mais a colaboração de Cristina Amaral e Renato Vallone (parceiro habitual do cineasta). Ao montarem os planos, em interseções com registros do passado e filmes consagrados, esses artistas se alinham afinadamente com o desenho de som mais refinado do festival, feito pelo mago Waldir Xavier. É dele a edição sonora, tendo Toco Cerqueira a cargo da mixagem.

Depois da estreia mundial no Festival do Rio, "Elza", uma produção da Aruac Filmes e da Maria Farinha Filmes (que também será sua distribuidora, junto com a Gullane+), em coprodução com Globo Filmes e GloboNews, estará, no próximo dia 18, na grade do Festival de Roma, na Itália, ampliando sua carreira internacional antes da chegada aos cinemas brasileiros.

PARABÉNS AOS PREMIADOS.
MAS QUEM VENCEU MESMO
FOI O AUDIOVISUAL NACIONAL.

NASCEU O PRÊMIO OLHAR BRASIL, DO CORREIO DA MANHÃ: UMA ESTATUETA, UM JÚRI DE JORNALISTAS E UM OLHAR DEDICADO AOS FILMES QUE LEVAM A PLURALIDADE DE UM PAÍS QUE É MUITOS BRASIS. CONHEÇA OS VENCEDORES:



Realização:
Correio da Manhã

www.correiodamanha.com.br / @correiodamanhabr / @colunamagnavita

Nada de 'Game over' com

À caça de sucessos vindos de games, Hollywood recorre a 'Street Fighter', um fenômeno dos fliperamas já testado no passado em desenhos e filme, e gera uma 'hadoukenmania'

RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

Antes de virar uma mina de ouro para Hollywood, "Street Fighter" era uma máquina de fliperama que exigia reflexos rápidos, coordenação motora nos trinques e uma boa dose de disposição para distribuir sopapos virtuais. Foi em 1987 que os desenvolvedores japoneses Takashi Nishiyama e Hiroshi Matsumoto, com a participação de uma equipe da Capcom, deram forma ao jogo que transformaria a pancadaria eletrônica em paixão mundial.

Yoshiki Okamoto teria papel decisivo na consolidação da franquia, especialmente com "Street Fighter II" (1991), responsável por transformar lutadores digitais como Ryu, Ken e Guile em celebridades da cultura pop. Quase quatro décadas depois, mesmo maculada por um filme de qualidade Z dos anos 1990, com Jean-Claude Van Damme, a turma volta aos cinemas esta semana, numa superprodução dirigida por Kitao Sakurai, de "Twisted Metal", com distribuição da Paramount.

A grande sacada do jogo original era permitir que lutadores de diferentes nacionalidades e estilos de combate se enfrentassem em duelos. O jogador podia controlar Ryu,

Ken ou a valquíria Chun-li, especialistas em artes marciais, diante de adversários espalhados pelo planeta. Foi ali que nasceu um dos golpes mais famosos da história dos videogames: o Hadouken, descarga de energia lançada pelas mãos, acompanhada por um grito que se transformou numa espécie de mantra entre gerações de jogadores. Outro golpe célebre era o Shoryuken, um soco ascendente capaz de mandar o adversário pelos ares.

O primeiro "Street Fighter" não foi exatamente um fenômeno comercial. A explosão veio em 1991, quando "Street Fighter II" apre-

sentou oito personagens selecionáveis, entre eles a chinesa Chun-Li, o militar americano Guile, o indiano Dhalsim e o brasileiro Blanka, criatura verde que soltava descargas elétricas. O jogo virou febre nos fliperamas e ganhou versões para consoles domésticos, ajudando a transformar os games de luta num dos negócios mais lucrativos do entretenimento.

Agora, a retomada de "Street Fighter" às telas vem acompanhada de uma nova ofensiva comercial, deflagrando uma hadoukenmania. O universo da franquia ganha espaço em chaveiros, camisetas de grife e



Tela de 'Street Fighter', o fliperama que seduziu (e ainda seduz) gerações

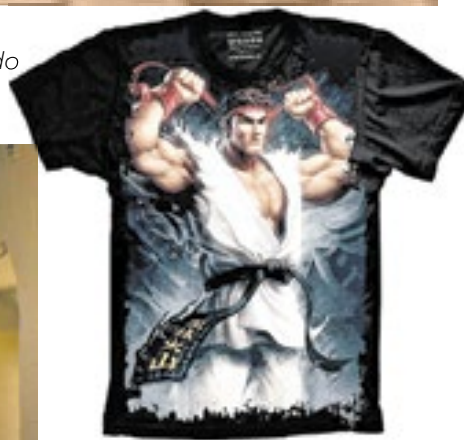


Ryu (Andrew Koji) e Ken Masters (Noah Centineo) encaram os perigos das ruas no tapa no live action do jogo

Os lutadores do jogo em versão boneco



Camiseta baseada no game



ção de artes marciais esconde uma conspiração capaz de colocar guerreiros de variadas pátrias uns contra os outros. David Dastmalchian vive o sombrio M. Bison, vilão por trás desse ciclo de combate.

O elenco é uma verdadeira salada pop. Jason Momoa, conhecido como Aquaman, interpreta Blanka, enquanto Cody Rhodes assume o papel de Guile, o rapper 50 Cent vive o boxeador Balrog, Roman Reigns interpreta Akuma e Vidyut Jammwal dá vida a Dhalsim. A produção é da Legendary Pictures.

Em 1994, houve uma expectativa hollywoodiana muito alta em torno de "Street Fighter: A Batalha Final", uma vez que seu astro, Van Damme, estava no auge (da fama... e do consumo de drogas). Sua dependência química pesou no resultado de seu trabalho no longa, que tinha Raul Julia (1940-1994), como M. Bison. Morreu antes de a fita estreitar, vítima de câncer, e só topou contracenar com o Grande Dragão Branco nessa farofa pois seus filhos eram fãs do game. Essa adaptação custou cerca de US\$ 35 milhões e arrecadou aproximadamente US\$ 99 milhões mundialmente, mas não conseguiu estabelecer a franquia cinematográfica imaginada pelos produtores. Em 2009, "Street Fighter: A Lenda de Chun-Li" também fracassou na tentativa de conquistar as plateias. Salvou a pátria a série de animes com Ryu & cia. que o SBT exibiu nas manhãs de domingo, entre 1995 e 96.

O cenário agora é diferente. Com o desgaste comercial de parte das produções de super-heróis, os videogames tornaram-se uma das apostas mais cobiçadas dos estúdios. "Super Mario Bros. – O Filme" arrecadou US\$ 1,3 bilhão em 2023, e sua continuação, "Galaxy", lançada este ano, também passou a marca do bilhão, enquanto "Minecraft – O Filme" (2025), também com Momoa, somou US\$ 960 milhões. A franquia "Sonic" reforçou essa tendência, mostrando que personagens nascidos nos consoles podem mobilizar multidões nas salas de cinema.

É nesse mercado que "Street Fighter" tenta aplicar seu golpe mais poderoso. Afinal, para uma geração que cresceu gastando fichas nos fliperamas, poucas palavras carregam tanta poesia quanto um sonoro "Hadouken!".

bonecos colecionáveis. A fabricante Hasbro anunciou uma linha de figuras de ação e brinquedos inspirados no filme, recuperando uma parceria que remonta aos tempos de "Street Fighter II". A estratégia é transformar a nostalgia dos antigos jogadores em consumo para novas gerações. E tem gente vendendo até aparelhos de arcade novinhos com o jogo, a um custo de R\$ 900. Em 2023, saiu uma edição nº 6 do jogo, para Playstation 5.

Rodada na Austrália, a produção cinematográfica se passa em 1993. Ryu (Andrew Koji) e Ken Masters (Noah Centineo), antigos companheiros de combate, são convocados pela misteriosa Chun-Li (Callina Liang) para disputar o Torneio do Guerreiro Mundial. O que parecia apenas uma competi-

SEXTOU! SAMPÁ

CONFIRA ATRAÇÕES CULTURAIS EM TODAS AS REGIÕES DA CIDADE

SHOW

Barão Vermelho

✱O projeto Barão Vermelho Encontro chega ao Espaço Unimed na próxima sexta-feira (16), às 22h, em São Paulo. O show vai reunir Frejat, na guitarra e voz, Guto Goffi, na bateria, Maurício Barros, nos teclados, e Dé Palmeira, no baixo, integrantes da formação original da banda. O guitarrista Fernando Magalhães, que entrou no grupo em 1985, participa como convidado. O repertório percorre diferentes fases da carreira e inclui Por Você, Bete Balanço, Pro Dia Nascer Feliz, Maior Abandonado, Puro Êxtase e Todo Amor Que Houver Nessa Vida. A casa abre às 20h e fica na Rua Tagipuru, 795, na Barra Funda, zona oeste da capital. Os ingressos são vendidos pela Eventim e na bilheteria do Espaço Unimed, sem taxa de serviço. O atendimento presencial ocorre de terça a sábado, das 10h às 17h, exceto feriados.

Candlelight

✱A série Candlelight terá concertos dedicados a nomes do pop e do rock em São Paulo nos dias 16 e 18 de outubro. Na sexta-feira (16), a Paróquia São Luís Gonzaga recebe o tributo ao Pink Floyd, às 19h, e a apresentação dedicada a Sabrina Carpenter, às 21h. Os ingressos para cada sessão partem de R\$ 74. No domingo (18), o Museu de Arte de São Paulo (Masp) terá o tributo a Michael Jackson, com sessões às 19h e às 21h e entradas a partir de R\$ 97,50. A programação do museu inclui ainda o concerto dedicado a Queen e The Beatles, com ingressos esgotados para essa data. Há outras apresentações anunciadas para novembro, dezembro e janeiro. A venda é feita pela plataforma Fever, onde o público pode consultar a disponibilidade de lugares e as datas de cada tributo. Confira a agenda de apresentações.

TEATRO

Celso Frateschi e Maria Fernanda Candido

✱“Quando Despertarmos de Entre os Mortos” fica em cartaz no Sesc Pinheiros até 8 de novembro. Com texto de Henrik Ibsen e direção de Elias Andreato, a montagem reúne Celso Frateschi, Maria Fernanda Candido, Maria Manoella, Fernando Nitsch e Angelo Brandini. A trama acompanha Rubek, artista que, perto



Divulgação/Candlelight

Candlelight apresenta concertos dedicados a pop e rock



Montagem reúne Celso Frateschi e Maria Fernanda Candido



Barão Vermelho Encontro chega ao Espaço Unimed

Divulgação/Eventim

do fim da vida, tenta refazer sua história. O reencontro com Irene, sua antiga musa, traz à tona possibilidades abandonadas e o peso do que não foi vivido. As apresentações ocorrem de quinta a sábado, às 20h, e aos domingos, às 18h. Nos dias 29 de outubro e 5 de novembro, as sessões de quinta-feira serão às 17h. Não haverá apresentação em 25 de outubro. A unidade fica na Rua Paes Leme, 195, em Pinheiros, zona oeste de São Paulo. A programação pode ser consultada no portal de programação do Sesc.

Arlete Salles

✱A atriz Arlete Salles volta ao Teatro Renaissance, na região central de São Paulo, com a peça Mande Notícias do Mundo de Lá, em temporada que vai de 17 de outubro até 20 de dezembro. Primeiro monólogo da car-

reira da atriz, o espetáculo tem texto e direção de Carlos Jardim. Na trama, a personagem vivida por Arlete Salles, Eulália Eugênia, precisa enfrentar o medo da morte para se despedir de Rosimere, amiga de décadas. Única pessoa presente no velório, ela se aproxima do caixão e revisita lembranças, aventuras e suas antigas implicâncias. A comédia encenada por Arlete aborda o envelhecimento, além do luto e dos vínculos de amizade. As sessões apresentadas ocorrem às sextas, às 19h30, aos sábados, às 19h, e aos domingos, às 17h. O teatro Renaissance fica na Alameda Santos, 2233, no bairro Jardim Paulista, na cidade de São Paulo. Os ingressos custam R\$ 75 (meia-entrada) e R\$ 150 (inteira). A duração é de 70 minutos, com classificação indicativa de 14 anos.

Meu Garoto

✱A peça Meu Garoto está em cartaz no Teatro West Plaza, em São Paulo, com sessões aos sábados, às 20h30, e aos domingos, às 19h30, até 25 de outubro. Escrita e dirigida por Hermes Carpes, a peça acompanha Bruno, um homem que tem a rotina alterada ao se envolver com o jovem Matheus. Entre desejos, inseguranças e mentiras, os dois enfrentam diferenças de geração e expectativas sobre a relação. A montagem combina drama e humor para abordar vínculos afetivos em tempos de encontros mediados pelas redes sociais. Carpes divide o palco com Camilo Guadalupe e Murilo Moraes, que se alternam no papel de Matheus. O teatro fica no Shopping West Plaza, na Av. Antártica, 408, Água Branca. Ingressos custam R\$ 45 (meia-

-entrada) e R\$ 90 (inteira), com venda pela Ticketmaster.

Beth Goulart

✱Beth Goulart apresenta Simplesmente Eu, Clarice Lispector no Teatro Moise Safra, em SP, até 31 de outubro. A atriz assina a concepção, a adaptação, a direção e a interpretação do monólogo, que reúne trechos de obras, entrevistas, depoimentos e correspondências da escritora. Em cena, a figura de Clarice se entrelaça às vozes de quatro personagens femininas, em uma abordagem sobre amor, solidão, morte e criação. As sessões são às sextas, às 20h, e aos sábados e domingos, às 16h e às 19h. O teatro fica na Rua Professor Walter Lerner, 315, na Barra Funda. O preço dos ingressos varia de R\$ 25 (meia-entrada) a R\$ 120 (inteira).

SEXTOU! CAMPINAS

APROVEITE AS DICAS SOBRE CAMPINAS E AS CIDADES DA RMC

TEATRO

Oli e o Monstro

✳ No domingo (18), às 16h, a Cia Casa Passarinha apresenta ‘Oli e o Monstro’, espetáculo de teatro que conta a história da menina Oli, superconectada e que certo dia, descobre que tem um monstro morando em seu guarda-roupa. No SESC Campinas na rua Dom José I, 270/333 - Bonfim. Ingressos a R\$12,00 / R\$20,00 e R\$40,00. Livre.

SHOW

2º Festival de Samba

✳ A Praça Durval Pattaro, no distrito de Barão Geraldo, recebe o ‘2º Festival de Samba de Barão Geraldo’. Com entrada gratuita, o evento será realizado no sábado (17) e no domingo (18), das 11h às 21h, e reunirá música, gastronomia, feira de economia criativa e espaço para crianças. Além da música, o público poderá aproveitar diversas opções gastronômicas.

Canarinhos da Terra

✳ Estreia dia 19 de outubro, às 20h, o espetáculo ‘Mundos que Cantam’, do Projeto Canarinhos da Terra – Unicamp, que vai acontecer no Teatro Oficina do Estudante, no Iguatemi Campinas. A apresentação reunirá cerca de 124 intérpretes em uma experiência que combina canto coral, interpretação e histórias inspiradas nos musicais Moana, Rio e Encanto. Ingressos: www.ingressodigital.com/evento/22078/concerto-mundos-que-cantam

Concerto da Osesp

✳ Vinhedo recebe neste domingo, 18, uma apresentação gratuita do Coro da Orquestra Sinfônica do Estado de São Paulo (Osesp). O concerto será realizado às 16h, no Mosteiro de São Bento, e reunirá diferentes períodos e linguagens da música coral. Os ingressos deverão ser retirados presencialmente no local, 1h30 antes do início da apresentação, conforme a disponibilidade de lugares.

Roda de Choro

✳ O Núcleo Musical Nabor Pires Camargo realiza neste domingo, 18, às 10h, mais uma edição da tradicional Roda de Choro, no Casarão Pau Preto, em Indaiatuba. O encontro é gratuito e reúne músicos e apreciadores do gênero para uma manhã de



Bauhinia Trepadeira na Ceaflor Expô -Garden



Uru Mar y Parrilla, no Campinas Restaurante Week



2º Encontro de Gatos Exóticos no Tivoli Shopping

música, convivência e valorização da cultura brasileira.

LAZER

Encontro de gatos

✳ Neste sábado, 17, das 13h às 19h, no Tivoli Shopping, em Santa Bárbara d'Oeste, acontece o ‘2º Encontro de Gatos Exóticos’, evento gratuito que reúne exemplares de felinos de raça, além de palestras e a oportunidade de conhecer mais sobre as características, curiosidades e cuidados com esses animais. Entre os destaques da mostra estarão exemplares de Sphynx, Lykoi, Maine Coon, Kurilian Bobtail, Persa, Exótico, Selkirk Rex, Ragdoll, Himalaio e Norueguês da Floresta. A diversidade chama a atenção pelas diferenças de porte, pelagem, aparência e características de cada raça.

Campinas Restaurant Week

✳ Festival gastronômico ‘Brasil de Norte a Sul’ reúne mais de 40 estabelecimentos de Campinas, região e Jundiaí, até 8 de novembro, com menus completos, a partir de R\$ 59,00 e opções de cervejas incluídas na experiência. Conheça os menus do restaurantes no site www.restaurantweek.com.br

1º Ceaflor Expo-Garden

✳ Começa neste sábado (17) e segue até segunda (19), a primeira edição do ‘Ceaflor Expo Garden + Mostra de Paisagismo’, no Ceaflor, em Holambra, São 20 ambientes de paisagismo decorados com muita criatividade, arte e beleza. O horário é das 9h às 18h (sábado e domingo) e das 9h às 16h (segunda-feira). Entrada gratuita. Simultaneamente, Ceaflor recebe a quinta edição do “Congresso

Paisagismo para Todos”, voltado tanto a profissionais de paisagismo e jardinagem quanto a pessoas interessadas no universo das plantas. A participação no congresso exige inscrição paga.

Festival Asiático

✳ Pela primeira vez em Santa Bárbara, ‘Festival Mundo Asiático’ chega ao Tivoli com mais de 600 opções gastronômicas e shows gratuitos Evento acontece de sexta-feira a domingo e reúne mais de 100 expositores, K-pop, concursos de cosplay, cultura geek e atrações para toda a família no estacionamento do shopping.

Confraria de Vinhos

✳ O Galleria Shopping recebe, nesta sexta-feira (16), a 4ª edição da Confraria de Vinhos Oba, evento realizado em parceria com o Oba Hortifruti que reúne

experiências gastronômicas e degustação de vinhos em um ambiente descontraído e acolhedor. A programação acontece das 18h30 às 21h, no Palco Central, localizado no primeiro piso do empreendimento.Ingressos: R\$ 199 por pessoa (inclui uma garrafa de vinho como brinde).

Feira Literária

✳ Lançamento do livro ‘Entre Asas e História: O Passeio Continua’, escrito por Mauro Guari, Dulce Zorzenon e Sandra Amaral, nesta sexta-feira (16), às 9h30, na Biblioteca Pública Municipal Professor Ernesto Manuel Zink. A obra foi idealizada com o propósito de resgatar e valorizar a história de Campinas, destacando pontos turísticos, memórias e identidade cultural. A feira acontece até sábado, das 10h às 20h.

CORREIO CULTURAL

MOARA SEMEGHINI



Mouhamed Harfouch, no Sesi Campinas, com Meu Remédio

Meu Remédio: sucesso de público e crítica

O ator, cantor e compositor Mouhamed Harfouch apresenta o solo autobiográfico “Meu Remédio” no Teatro do Sesi Campinas Amoreiras, de 21 a 24 de outubro, com entrada gratuita. A turnê pelo interior paulista reúne 24 sessões. Escrito, produzido e interpretado por Harfouch, o espetáculo tem direção de João Fonseca e aborda a trajetória do artista, filho de pai sírio muçulmano e mãe brasileira católica, criado

no Rio de Janeiro. Premiada pelo Prêmio Arcanjo 2025 e pela FITA (Festa Internacional de Teatro de Angra), a montagem já atraiu mais de 10 mil espectadores em temporadas no Rio e em São Paulo. A crítica endossou: em resenha de quatro estrelas, o jornalista Miguel Arcanjo Prado descreveu Meu Remédio como uma “sofisticada ode à ancestralidade” e “um antídoto contra o preconceito”.

Lume Teatro apresenta ‘Cnossos’

O ator e pesquisador Ricardo Puccetti, do Lume Teatro, apresenta “Cnossos” nos dias 24 e 25 de outubro, às 20h, na sede do grupo, em Barão Geraldo, Campinas. Com direção de Luís Otávio Burnier, fundador do Lume, o espetáculo solo de 1995 é inspirado em textos de Jorge Luis Borges, Lautréamont, Franz Kafka e Mário Quintana. Sem palavras, a obra acompanha um homem em busca de saída de um labirinto, em uma jornada sobre solidão, sonhos e pesadelos. A entrada é gratuita, com ingressos pelo Symply a partir de 21 de outubro, às 9h.

Festival de Samba

A Praça Durval Pattaro, em Barão Geraldo, recebe neste sábado (17) e domingo (18), das 11h às 21h, o 2º Festival de Samba, com entrada gratuita. A programação inclui seis grupos de Campinas, DJs, gastronomia, feira e espaço infantil. Shows de samba de raiz, de terreiro e de bumbo.

Flashback e Black Music

A Estação Cultura recebe neste domingo (18), das 14h às 21h, o 1º Encontro de Flashback e Black Music de Campinas. A programação reúne mais de 60 grupos de dança de várias regiões paulistas, praça de alimentação, feira de expositores e espaço kids. Entrada: 1 kg de alimento não perecível.

Gianecchini e Casadevall no Convivência

Reynaldo Gianecchini e Maria Casadevall apresentam “Um Dia Muito Especial” no Centro de Convivência Cultural de Campinas, de 16 a 18 de outubro. Com direção e adaptação do campineiro Alexandre Reinecke, a peça é baseada no filme homônimo do italiano Ettore Scola, lançado em 1977. A montagem integra uma turnê nacional após temporadas em São Paulo e no Rio.



Grupo promete transformar o encontro em uma celebração da história do samba e pagode

Sorriso Maroto na área com roda de pagode e sucessos

Projeto “Sorriso Eu Gosto No Pagode” chega ao Sambódromo de Paulínia na tarde deste sábado

RAFAEL LIMA

O pagode vai tomar conta da região de Campinas neste sábado, 17 de outubro, com a chegada do projeto “Sorriso Eu Gosto No Pagode”, do Sorriso Maroto. A apresentação será realizada a partir das 15h, no Sambódromo de Paulínia, com uma proposta que vai além dos sucessos que marcaram a trajetória do grupo: transformar o encontro em uma celebração da história do samba e do pagode, reunindo diferentes gerações em torno de canções que atravessaram décadas. A estrutura contará com palco 360 graus, convidados surpresa e repertório que combina músicas do próprio Sorriso com clássicos de artistas que ajudaram a construir a identidade do gênero.

A iniciativa chega ao interior paulista em um momento de renovação artística para o grupo, que tem investido em projetos capazes de revisitar sua história sem perder o diálogo com o público atual. Essa proposta ganhou novos contornos com “Sorriso Eu Gosto No Pagode – Lado B”, álbum lançado em julho que recupera canções menos lembradas do repertório da banda e lhes oferece novas interpretações.

Em entrevista ao Correio da Manhã, publicada em agos-

to, o vocalista Bruno Cardoso explicou que a ideia nasceu, em parte, dos próprios fãs. Durante a turnê “Sorriso As Antigas”, o público passou a pedir músicas que nem sempre apareciam nos shows, mas continuavam vivas na memória dos admiradores mais antigos.

“Eles fizeram tudo, a gente só entregou o que eles queriam de nós”, afirmou Bruno ao falar sobre a participação dos fãs na construção do projeto. Para o cantor, manter esse canal de diálogo, tanto nas redes sociais quanto durante as apresentações, é fundamental para acompanhar os desejos do público e transformar essas manifestações em novos caminhos musicais.

O conceito de “lado B” remete justamente às músicas que ficavam no verso dos discos e das fitas cassete, muitas vezes menos conhecidas pelo grande público, mas preservadas pelos fãs mais dedicados. Ao recuperar esse repertório, o Sorriso Maroto aposta na memória afetiva e na possibilidade de apresentar essas canções a novos ouvintes.

A iniciativa faz parte de uma trilogia de projetos desenvolvida a partir das comemorações dos 25 anos de carreira do grupo. O percurso passou pela revisitação de sua própria discografia, por homenagens a artistas que serviram de referência para sua trajetória e chega agora ao en-

contro entre o repertório menos explorado e diferentes nomes do pagode.

Gravado no Rio de Janeiro, “Sorriso Eu Gosto No Pagode – Lado B” reúne participações de artistas consagrados, como Thiaguinho, Péricles, Belo, Ludmilla, Dilsinho e Mumuzinho, além de representantes da nova geração. A proposta é estabelecer uma ponte entre épocas e estilos, valorizando a influência dos nomes que abriram caminho e a contribuição dos artistas que mantêm o gênero em movimento.

Em Campinas, essa conexão aparece na própria concepção do show, cujo repertório inclui sucessos do Sorriso Maroto e músicas associadas a grupos como Exaltasamba, Soweto, Só Pra Contrariar, Raça Negra e Fundo de Quintal. A organização também prevê participações surpresa, ampliando a expectativa em torno da apresentação.

O evento ainda incorpora uma dimensão social. Por meio do projeto “Espalhando Sorrisos”, criado em 2023, o grupo associa música, inclusão e solidariedade a iniciativas voltadas à saúde bucal. Segundo a organização, R\$ 5 de cada ingresso vendido serão destinados a organizações não governamentais locais que atuam nessa área, atendendo crianças, adolescentes e adultos em situação de vulnerabilidade.

“O Ovo e a Galinha” estreia no Teatro Oficina paulistano

Espectáculo dirigido por Joana Medeiros traz Ana Hartmann como Clarice Lispector

RAFAEL LIMA

Entre 19 de outubro e 8 de dezembro de 2026, o Teatro Oficina recebe a estreia paulistana de “O Ovo e a Galinha”, espetáculo dirigido por Joana Medeiros e protagonizado por Ana Hartmann. Inspirada no conto de Clarice Lispector, a montagem conduz o público por um percurso de pensamentos, imagens e sensações desencadeados pela visão de um ovo sobre uma mesa. Serão 16 apresentações, às segundas e terças-feiras, às 20h.

Em cena, Ana interpreta Clarice Lispector no momento em que a escritora lê o próprio conto. A partir da palavra, o texto ganha dimensão corporal e a personagem passa a experimentar as ideias e os estados que emergem da narrativa. O ovo se transforma no ponto de partida para reflexões sobre existência, Deus, cotidiano, amor, trabalho e os limites da compreensão humana diante daquilo que não pode ser explicado.

A dramaturgia também dialoga com um episódio da trajetória de Clarice: sua participação no 1º Simpósio de Bruxaria, realizado em Bogotá, na Colômbia, em



A montagem explora imagens, objetos e jogos de luz para traduzir o universo enigmático de Clarice

1975, ocasião em que levou justamente “O Ovo e a Galinha”. Os diferentes relatos sobre o que aconteceu naquele encontro alimentam a proposta cênica, que imagina a escritora diante do público a partir dessa zona de incerteza.

A ideia do espetáculo surgiu em 2017, por iniciativa de Joana Medeiros, e atravessou anos de pesqui-

sa, leituras, ensaios abertos e experimentações. Parte desse percurso foi desenvolvida no próprio Teatro Oficina, espaço que agora recebe a temporada paulistana e que também integra a história profissional de Ana Hartmann.

A montagem mantém o conto como eixo central, mas amplia sua dimensão por meio de sons, proje-

ções, luz, figurinos e objetos. Única atriz em cena, Ana estabelece um diálogo permanente com a equipe técnica, cujos integrantes participam da ação e interferem diretamente no percurso da personagem.

A concepção audiovisual de Ciza Lucchesi, artista ligada ao Teatro Oficina, parte de uma pesquisa sobre a geometria do ovo e sua pre-

sença em diferentes mitologias e culturas. Imagens do mar, referências religiosas e registros relacionados a Clarice também compõem o universo visual.

O retorno de Ana Hartmann

A temporada marca um reencontro da atriz com o espaço onde iniciou sua carreira teatral, em 2012. Ana integrou montagens como “As Bacantes” e “Cacilda!!!”, dirigidas por Zé Celso Martinez Corrêa.

No teatro, também atuou em “Killer Joe”, de Mário Bortolotto, pelo qual recebeu o Prêmio Quem Revelação. Na televisão, participou de produções como “Onde Nascem os Fortes”, da Globo, “Feras”, da MTV, e “Rio Connection”, coprodução da Globo com a Sony Internacional. Em 2020, protagonizou “Reality Z”, da Netflix, coproduzida por Charlie Brooker, de “Black Mirror”.

Em “O Ovo e a Galinha”, a atriz reúne sua trajetória e a pesquisa desenvolvida ao longo dos anos para dar corpo às inquietações presentes na obra de Clarice. Escritora, ovo, galinha, objetos e recursos técnicos integram uma mesma experiência cênica, na qual pensamento e ação se encontram.

‘Os Últimos 5 Anos’ em edição comemorativa

Montagem com Beto Sargentelli e Eline Porto celebra 25 anos do musical de Jason Robert Brown

POR RAFAEL LIMA

O musical “Os Últimos 5 Anos” retornou aos palcos paulistanos entre 9 de outubro e 1º de novembro, no Teatro Nair Bello, localizado no Shopping Frei Caneca. Protagonizada por Beto Sargentelli e Eline Porto, a montagem ganha uma edição especial em celebração aos 25 anos de “The Last Five Years”, obra de Jason Robert Brown que conquistou reconhecimento internacional. A produção é realizada pela H Produções Culturais.

A versão brasileira estreou em 2018, com direção de João Fonseca, direção musical de Thiago Gimenes e direção de movimento de Keila Bueno. Desde então, passou por temporadas em 2018, 2019 e 2023, acumulando reconhecimento da crítica, indicações e prêmios do teatro musical brasileiro. Entre os destaques está o prêmio de Melhor

Ator conquistado por Beto Sargentelli no Prêmio Bibi Ferreira.

O novo retorno chega acompanhado de um reconhecimento especial: a produção foi a única da América do Sul mencionada no programa oficial comemorativo dos 25 anos da obra, passando a integrar o registro de sua trajetória internacional. “Enquanto o mundo celebra os 25 anos de The Last Five Years com novas montagens, é uma honra para nós recolocar em cena a produção brasileira, que ajudou a escrever a história desse musical fora dos Estados Unidos”, afirma Beto Sargentelli. O ator também destaca as 19 premiações e indicações acumuladas ao longo de cinco temporadas entre São Paulo e Curitiba, além da relação construída com o público brasileiro.

A celebração ocorre em um período de renovado interesse pela obra. Em 2026, o musical ganhou



Protagonizada por Beto Sargentelli e Eline Porto, a montagem ganha uma edição especial

novas montagens e concertos especiais em diferentes países. Entre eles, apresentações estreladas por Ben Platt e Rachel Zegler no London Palladium, seguidas por passagens pelo Hollywood Bowl e pelo Radio City Music Hall, sob direção e regência do próprio Jason Robert

Brown. A programação comemorativa também incluiu o lançamento de um álbum ao vivo oficial.

Estreado em Chicago, em 2001, “Os Últimos 5 Anos” acompanha a história de amor entre Cathy e Jamie por meio de duas narrativas que avançam em sentidos opostos. Enquanto Cathy reconstrói o relacionamento a partir do fim, Jamie percorre o caminho desde o primeiro encontro até a separação. As trajetórias se cruzam uma única vez, recurso que confere à obra uma estrutura narrativa particular.

O musical também ganhou uma adaptação cinematográfica em 2014, protagonizada por Anna Kendrick e Jeremy Jordan. Ao longo de sua trajetória, suas canções foram interpretadas por artistas como Cynthia Erivo, Jonathan Bailey, Nick Jonas, Ariana Grande, Ben Platt e Rachel Zegler, reforçando o alcance da composição de Brown

no teatro musical contemporâneo.

Responsáveis por apresentar a obra ao público brasileiro, Beto Sargentelli e Eline Porto voltam a interpretar Jamie e Cathy. Para Eline, reencontrar a personagem é uma oportunidade de revisitar um trabalho que marcou sua trajetória artística.

“Voltar a ‘Os Últimos 5 Anos’ depois de tantas temporadas é um presente. Jamie e Cathy marcaram profundamente nossas trajetórias e reencontrar essa história justamente na celebração dos 25 anos do musical torna tudo ainda mais especial”, diz a atriz. Ela ressalta ainda as diferentes camadas emocionais de Cathy e os desafios da partitura de Jason Robert Brown.

Com uma trilha sonora que transita entre ritmos, a montagem celebra tanto a longevidade de uma obra internacional quanto a trajetória construída no Brasil desde 2018.